

ARTE: O RETRATO DE UMA SOCIEDADE

Eliana Lúcia Ferreira
Universidade Federal de Juiz de Fora
Universidade Estadual de Campinas

Resumo

Arte: o retrato de uma sociedade é uma aproximação inicial com a temática da dança para as pessoas portadoras de deficiência física e a relação das pessoas *outsiders* com a arte. Este estudo se deu a partir da teoria de Norbert Elias, mais especificamente na obra *Mozart: sociologia de um gênio*. Neste jogo de dança e pessoas portadoras de deficiência é nosso propósito tornar visível as configurações que estão se estabelecendo.

Palavras-chave: Pessoas outsiders; arte; pessoas portadoras de deficiência física; dança.

Introdução

Este texto é uma tentativa de compreender as mudanças sócio-artísticas que estão se estabelecendo na dança em cadeira de rodas - dança com pessoas portadoras de deficiência física, as quais tem permitido o crescimento e adesão de vários grupos no meio social. No decorrer deste estudo utilizaremos a obra de Norbert Elias, *Mozart: sociologia de um gênio*¹, com o intuito de compreender as questões propostas na perspectiva de um modelo sociológico.

Norbert Elias, mesmo não pensando diretamente na questão da dança e nem da pessoa portadora de deficiência física, possibilita com seu modelo de análise pensar nesta adequadamente as questões mencionadas. Alguns dos seus pressupostos, ao tratarem a relação da arte e das pessoas estabilizados/outsiders², parecem ser um ponto de partida para uma possível explicação do crescimento desta atividade no meio social.

A relação das pessoas estabilizadas e outsiders na sociedade

A relação entre os grupos estabilizados e os outsiders é um modelo elaborado no estudo da comunidade inglesa de Winston Parva, realizado por Elias e Scotson nos anos 60. O objetivo desta pesquisa era compreender as diferenças sociais que dividiam os moradores daquela comunidade. As famílias de *status* mais elevado eram representadas como sendo “melhores”, enquanto que nos moradores de *status* mais baixo pesavam o estigma de inferioridade. Esta distinção realizada pelos grupos

¹ ELIAS, N. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

² Op. cit., p. 19.

dominadores era também incorporada pelos demais, que se sentiam realmente inferiores.

Nesta mesma perspectiva de compreender as diferenças sociais de um determinado grupo ou sociedade, encontramos a obra *Mozart*. Nesta obra, Elias aponta os conflitos de um músico educado na tradição da música de corte, ou seja, um músico *outsider* vivendo numa sociedade peculiar de um gosto padronizado.

Elias foi um amante da música. Para o autor, a música está intimamente ligada ao tipo de sociedade e à época em que a mesma é produzida. Neste sentido, o livro retrata a vida de Wolfgang Amadeus Mozart, onde é enfatizado o conflito entre criatividade e o pessoal de uma pessoa *outsider* vivendo em sociedade de estabelecidos. Esta obra, que é um estudo de caso, foi formulada no exemplo de uma única pessoa extremamente prendada, cujo talento foi estrangulado pela sociedade de seu tempo.

Conforme Elias, Mozart morreu aos 35 anos, sendo enterrado como uma pessoa comum. Foi educado na tradição da música de corte, ou seja, numa sociedade que considerava os músicos como trabalhadores manuais. Ao contrário desta posição estabelecida, Mozart passou sua vida tentando ser um músico autônomo, buscando ser reconhecido, porém não obteve sucesso. Para a sociedade de corte, um músico só tinha a função de produzir música para o entretenimento dos cortesões.

O autor aponta Mozart como sendo uma pessoa muito talentosa e criativa. Devido a seu extraordinário talento, se sentia igual ou superior à aristocracia, porém viveu o conflito em ser um gênio, mas socialmente dependente e subordinado à corte. Para explicar o talento de Mozart, Elias diz que:

A maturação do talento de um gênio é um processo autônomo interior e que a criação de grandes obras de arte é independente da existência social do criador. Para compreender o artista não é necessário compreender o homem, mas é necessário compreender como alguém provido de todas as necessidades animais de um ser pode produzir uma música desprovida de qualquer natureza animal. [...] isto se dá pelo conflito entre os civilizados e sua animalidade.³

Prosseguindo com este raciocínio, o autor constrói o argumento de que as idéias do artista sempre estão ligadas ao material e à sociedade, são formas específicas de comunicação que tem como objetivo buscar os aplausos e despertar sentimentos como amor/ódio, alegria/raiva.

Neste sentido, um dos prováveis motivos de sua morte foi apontado pelo autor como sendo a falta de significado de sua vida, gerado por estes conflitos. Segundo Elias, sua morte súbita tem ligação com duas interdependências:

- A perda do reconhecimento do público;
- a diminuição do afeto da esposa.

No livro, Mozart é apontado como uma pessoa que sentia muita necessidade de amor e sua música, talvez, fosse uma constante procura de afeto. Acredita-se que ele passou a vida buscando o amor das pessoas, porém, não se sentindo amado por

³ Op. cit., p. 55.

ninguém.

A vida de Mozart aconteceu numa época que é chamada de *fase de transição*. Existia o conflito entre os padrões de classes mais antigas em decadência e as novas em ascensão. Estes conflitos se davam pela insatisfação social e econômica de indivíduos *outsiders*, porém num tempo em que o equilíbrio de forças ainda favorecia aos estabelecidos.⁴

As características da sociedade de corte podem ser analisadas a partir das seguintes tensões sociais:

- 1) O gosto da nobreza estabelecia os artista de todas as origens sociais;
- 2) diferente da literatura na metade do séc. XVIII, devido ao crescente número de leitores, foram surgindo formas culturais específicas de cada classe;
- 3) os músicos eram totalmente dependentes da corte, a qual representava o único emprego socialmente reconhecido;
- 4) os músicos eram tão indispensáveis na corte como os pasteleiros, cozinheiros, ou seja, tinham o mesmo *status* social;
- 5) os músicos eram de origem não nobre.

O que percebemos é que Mozart tentou romper com as barreiras da estrutura social de poder, porém esta estrutura tradicional estava intacta, vindo a ocorrer mudanças apenas na época de Bethoven. Naquela época, para um músico obter sucesso ele tinha que adotar padrões de comportamento, sentimento em relação ao gosto musical, vestuário e outros gostos padronizados.

Segundo Elias, atualmente a distribuição de poder é dada como óbvio. Os empregados se adaptam e logo aprendem a ajustar seu comportamento ao padrão das empresas. Mas devido ao mercado de oferta e demanda esta relação de estabelecidos e *outsiders* é menor.

Outro aspecto apontado pelo autor é a distância espacial que, diferente dos dias atuais, era muito pequena. Devido a este fato muitas vezes os *outsiders* eram tratados como um nobre, de acordo com o seu talento, no entanto havia uma grande lacuna entre o produtor da arte e o patrono, ou seja, existia uma grande desigualdade social. Neste sentido, a arte era vista como arte utilitária, ou seja, a criação de um produto artística era determinada pelo tipo de evento da corte. Embora Mozart contestasse a hierarquia social, sua habilidade de expressar sentimentos era estruturada nos padrões da corte, diferentes de Bethoven que conseguiu romper com esta tradição.⁵

Os empregadores da época determinavam quando e onde um compositor deveria fazer um concerto e às vezes até o que deveria compor, isto fez com que Mozart lutasse pela sua independência, buscando alternativa de empregos como dar aulas particulares e realizar concertos pagos⁶. O que se vê no comportamento de Mozart é o que Elias aponta como sendo processo social não planejado.

⁴ Op. cit., p. 15-16.

⁵ Op. cit., p. 42.

⁶ Essa forma de atuação não era comum na época.

A relação da teoria de Norbert Elias com o desenvolvimento da dança em cadeira de rodas

A dança para pessoas portadoras de deficiência física é uma atividade recente no Brasil e que tem apresentado um crescimento relativamente significativo. Uma pesquisa realizada em 1996 apontou que provavelmente os primeiros grupos a desenvolverem esta atividade foram oriundos da iniciativa de instituições que trabalham com esta população de um modo geral. Em 1990, foi apontada a existência de apenas dois grupos de dança em cadeira de rodas. No final de 1996 existiam aproximadamente 12 grupos, situados em diversos estados do país⁷.

Este crescimento se deu, provavelmente, devido a várias iniciativas elaboradas no sentido de proporcionar às pessoas portadoras de deficiência oportunidades de realização de atividades físicas/sociais, objetivando sua integração e o resgate de cidadania.

Muitos esforços tem sido realizados em busca desta integração, muitas iniciativas governamentais tem sido promulgadas. No entanto, quando se refere especificamente a relação entre pessoas portadoras de deficiência física e a dança, deparamos com a questão da possibilidade/impossibilidade que a mesma oferece, neste sentido, a dança em cadeira de rodas tem passado por restrições e controles em diferentes situações sociais. Para prosseguir com esta análise, a partir deste momento, utilizaremos uma abordagem eliasiana, dando atenção especial à obra acima mencionada com esta atividade.

Segundo Elias, o social é um conjunto de relações que se estabelecem a cada momento. Estas relações estão sempre em processo, ou seja, elas se constituem e se descontinuem, se estabelecem e desestabelecem. Isto ocorre porque o social é formado por indivíduos que fazem a sociedade e a sociedade faz os indivíduos. Deste modo, o que forma a sociedade são as relações que se estabelecem entre os indivíduos em um eterno processo.

Para prosseguir com esta discussão quero me centrar em dois instrumentos que me permitem perceber melhor a complexidade da relação da dança para as pessoas portadoras de deficiência física.

O primeiro instrumento se refere à análise das relações entre os grupos estabilizados e os outsiders. Este modelo, apresentado na obra sobre Mozart, enfatiza o conflito entre criatividade pessoal de uma pessoa outsider vivendo em sociedade de estabelecidos.

Pensar a dança em cadeira de rodas a partir desta relação, no contexto de nossa investigação, podemos perceber indícios que isto se faz presente em diversas situações.

Como por exemplo, quero aqui citar o grupo de dança *Ázigo*, fundado em

⁷ Cf.: FERREIRA, E. *Dança em cadeira de rodas: os sentidos da dança como linguagem não-verbal*. Campinas: 1988, 150 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Unicamp.

1990 na cidade de Uberlândia, que era composto por sete bailarinos portadores de deficiência física e que teve a oportunidade de participar de diversos eventos de grande relevância social no meio da dança.

Uma pequena demonstração para ilustrar os esforços deste grupo em elevar o seu trabalho artístico e reafirmar o valor social está no convite que o grupo recebeu para fazer uma participação no 13^o Festival de dança de Joinville, realizado em 1994.

Após várias apresentações em espaços públicos na cidade de Joinville, alguns comentários sobre o grupo foram divulgados pela imprensa escrita. Uma destas reportagens me chamou mais atenção. A matéria dizia:

DANÇA CONTRA O PRECONCEITO

[...] No espetáculo de ontem no palco ao ar livre de Pirabeiraba, a atração ficou com o Grupo Azigo, da Universidade Federal de Uberlândia, de Minas Gerais. Os bailarinos simplesmente derrubaram o preconceito (grifo nosso - ELF). Deficientes físicos, dançando em cadeiras de rodas, mostraram a coreografia contemporânea “Eternamente amor”. O público aplaudiu com entusiasmo.⁸

Seguido desta matéria, outra reportagem foi publicada. O teor da matéria era o seguinte:

ÁZIGO BRILHA NO SUL

[...] Uma das maiores surpresas do Festival de Dança de Joinville foi levada aos “barrigas verdes” por nada mais, nada menos que artistas Uberlandenses. Surpresa dupla, pois os dançarinos, especialmente convidados para a ocasião tinham uma especificidade que os diferenciava da maioria - embora não fossem menos importantes por isso (grifo nosso - ELF) -, eram paraplégicos e dançaram em cadeiras de rodas.⁹

De algum modo estes jornalista tinham razão. Aqui, como em outras reportagens sobre o grupo, é possível observar que alguns grupos de dança em cadeira de rodas tentam revigorar a imagem do deficiente frente a uma sociedade.

Por outro lado, o que os dançarinos em cadeira de rodas almejavam para aquele evento era ter a oportunidade de poder apresentar suas coreografias no teatro juntamente com os outros bailarinos de dança contemporânea, e não somente participar das mostras que aconteciam paralelas nos espaços públicos como em praças, fábricas e shoppings. Para a apresentação oficial do festival, o grupo só não foi convidado, como não foi autorizada sua participação, mediante questionamentos de alguns grupos de dança que ali estavam presentes.

A partir do modelo de configuração apontado por Elias, podemos perceber no exemplo acima citado, as relações de poder nas quais a hierarquia social, ou seja, a desigualdade entre grupos pode dar lugar à exclusão e/ou a não-permissão da

⁸ Dança contra o preconceito. *Diário Catarinense*, Joinville, 17 jul. 1995.

⁹ Ázigo brilha no sul. *Correio do triângulo*, Uberlândia, 28 jul. 1995.

participação de determinados indivíduos em determinadas práticas sociais.

Quando pensamos nas pessoas portadoras de deficiência física, o que nos retrata imediatamente é uma diferenciação externa do seu estado concreto de uma aparência física diferenciada do padrão normal. Temos aqui então, um corpo que se inscreve no mundo social de forma diferenciada, ou seja, o fio condutor das relações sociais passa a ter significado de impossibilidade e de incapacidade mediado pela classe supostamente superior. Porém, com o objetivo de amenizar esta situação, alguns grupos sociais se interligaram para resolver estes problemas e começaram a praticar “pequenas” soluções sociais, que do meu ponto de vista se deu de forma casual e muitas vezes inoculas.

Neste sentido, quando Elias concebe o social como um sistema de relações entre grupos e indivíduos interdependentes, nos permite pensar e perceber as transformações internas estabelecidas dentro de um grupo.

Mas o fato é que na relação da dança com as pessoas portadoras de deficiência física, as mesmas receberam uma deferência corporal, destinada às pessoas outsiders, não significa que esta situação não poderia/deveria ser mudada.

Segundo Elias,

Os padrões e métodos sociais pelos quais as pessoas constroem os controle dos instintos em sua vida comunitária não são produzidos deliberadamente, evoluem por longos períodos, cegamente e sem planos. Irregularidades e contradições nos controles, imensas flutuações em sua severidade ou leniência, estão, portanto, entre os aspectos estruturais recorrentes do processo civilizador.¹⁰

Historicamente as pessoas portadoras de deficiência já passaram da situação de ser totalmente excluídas, no que se refere ao direito de sobrevivência. Elas tinham como grupo uma posição bastante periférica em relação aos demais. Eram vistas como pessoas pela metade, como seres humanos incompletos. Hoje percebemos uma mudança social, embora pequena, mas significativa.

O segundo ponto a ser apontado aqui se trata do conceito de arte. A este respeito, Elias afirma que a arte passou de arte de artesão, para a arte de artista, onde a “arte de artesão foi produzida para um patrono pessoalmente conhecido, com status social muito superior ao do produtor. [...] Arte de artista é criada para um mercado de compradores anônimos, mediados por agências tais como negociantes de arte, editores de música, empresários e etc.”¹¹.

Não é preciso muito esforço para perceber que a prática da dança para pessoas portadoras de deficiência física não é uma atividade viável do ponto de vista artístico aqui mencionado, porque a relação homem e o artista têm sido um elemento desconcertante para muitos adeptos da dança.

O que vimos a partir de Elias é que cada espaço social é composto de vários

¹⁰ ELIAS, op. cit.

¹¹ Ibid.

conjuntos de relações. Cada espaço é feito de relações que afetam os indivíduos e, por extensão, a sociedade. Estas relações são estabelecidas pelo contexto histórico cultural, ou seja, a relação de um indivíduo se estabelece e configura nas relações sociais do seu tempo.

Dançar em cadeira de rodas já é uma possibilidade que as pessoas portadoras de deficiência física possuem. O grupo Ázigo foi premiado em 1995 pela Associação de Imprensa do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba como sendo o grupo destaque dos melhores do ano na categoria esporte/dança¹².

No decorrer destes anos, o trabalho de outros grupos de dança em cadeira de rodas também tem sido divulgado na imprensa escrita e na televisão, tratando estes profissionais como dançarinos competentes naquilo que é apresentado. Neste sentido, vale pensar um pouco nestas novas “configurações” que estão se estabelecendo, na relação da dança para as pessoas portadoras de deficiência física.

Mas, o que tem permitido estas mudanças?

Segundo Elias, as mudanças são, acima de tudo, o resultado de um processo de longa duração, em uma sociedade de transição. Os processos sociais ao longo do tempo sofrem alterações na balança de poder entre os indivíduos. Ainda não temos subsídios para pontuar os motivos destas mudanças. O que vimos até aqui foram indícios para refletir sobre estas questões.

Considerações finais

Hoje não se tem mais um pólo que determina ou fixa o nosso comportamento. O que percebemos é que nestas mudanças que tem ocorrido, aqui especificamente nos trabalhos de dança em cadeira de rodas, fica demarcada a complexa unicidade a cada um, a cada momento. O aumento das interações humanas, sejam elas sociais, culturais ou artísticas, pressupõe a necessidade de se lidar com vários tipos de pessoas, adaptando o comportamento aos diversos estratos sociais representados. O que se vê é um conjunto de relações que se estabelecem a cada momento. Tais relações são sempre relações em processo, em movimento.

Pensar a dança em cadeira de rodas é pensar a própria dança como um espaço em constantes transformações e de cujo movimento emerge as práticas capazes de explicar melhor o indivíduo e a sociedade.

Abstract

Art: the picture of a society it is an initial approach text about dance for disables people and the relationships between the outsiders people and art. This study felt starting from Norbert Elias's theory, more specifically in the work Mozart: sociology of a genius. In this dance game and disable people. It is our purpose to show the “figurations” that are establishing.

¹² Cf.: *O triângulo*, Uberlândia, 10 out. 1995.

Key words: outsiders; art; disable people; dance.

Referências Bibliográficas:

ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

ELIAS, N.; Scotson, J. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FERREIRA, E. *Dança em cadeira de rodas: os sentidos da dança como linguagem não-verbal*. Campinas: 1988, 150p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Unicamp.